

da Nação uma cidade mais velha em que desde os túrdulos vem sendo abordada por fenícios, gregos, cartagineses, romanos, alanos, godos, mouros, neogílicos e portugueses. Com a Capital do Norte o mesmo não se verificou, em parte, por ter sido menos ambicionada pelos invasores e em parte por ser muito mais nova, contando com menor mistura de povos. É nessa parte que o autor apresenta melhores justificativas e documentos diversos.

A parte em que busca fundamentar-se na psicologia é muito pobre, com bibliografia que além de ficar por volta de 1913 não inclui obras específicas de psicologia social ou mesmo geral. É de se lastimar que o autor não tivesse buscado melhores informações dentro da psicologia e da sociologia, justificando assim o sub-título atraente que deu ao seu trabalho — ensaio de psicossociologia comparada. Embora não tenha realmente usado destas ciências, Mário Gonçalves Viana colheu e apresentou elementos, mormente na literatura e em alguma correspondência apresentada, que possibilitariam um melhor ensaio de caráter psico-social do que o realizado pelo autor. Principalmente na parte referente à casa e à mulher a seleção de textos apresentados é realmente interessante, mas pouco aproveitada do ponto de vista psicológico.

Em resumo, o trabalho de Mário Gonçalves Viana é interessante, porém sua apresentação das duas áreas sócio-econômicas em distonia é muito menos científica do que seu título faz supôr, embora literariamente consiga dar uma imagem satisfatória das diferenças entre as duas cidades como expressões típicas da “alma portuguesa”.

#### GERALDINA PÓRTO WITTER

\*

\* \*

DAVIS (Harold Eugene). — **Os Estados Unidos na História.** Tradução de Luciano Miral. Rio de Janeiro, Zahar Editôres, 1965. 134 págs.

Tôda História, em última análise, implica num processo e numa experiência. Processo, pela elaboração de qualquer coisa que, à primeira vista pode parecer indefinível, mas que o próprio princípio elaborativo acaba por definir, e experiência, pela revalorização de certos postulados que acaba num equacionamento de valores novos e de enquadramento num contexto mais amplo. Se isso vale para a História em geral, parece-nos que no caso da História das nações americanas se faz ainda mais sensível. Tais observações vieram-nos à mente com a leitura do pequeno livro, objeto desta nota, no qual o sr. Harold Eugene Davis, professor de História da América Latina e já com numerosa obra publicada sobre assuntos históricos e sociais latino-americanos, estuda, agora, **Os Estados Unidos na História, ou, como exprime o subtítulo da edição original, “o que suas experiências históricas significam para o seu povo”.** A obra foi publicada primeiramente em 1963 pela **American University**, de Washington, onde o

autor exerce suas funções. O sentido afirmativo de sua experiência está no verso de Sidney Lanier, autor de uma cantata comemorativa do centenário da independência e que figura neste livro à guisa de moto:

*Despite the land, despite the sea / I was; I am; and I will be.*

Lembra o A., logo na introdução (pág. 13) que a História da América é uma história de modificações nos padrões culturais, que envolviam a seleção, pelos americanos, de elementos de culturas européias, a assimilação de elementos de culturas indígenas e de alguns elementos de origem africana. As experiências dos americanos nesse processo cultural, os desafios que enfrentaram e as crises que atravessaram, provocaram afirmações de crenças em certos valores, a afirmação de fé que Ortega y Gasset acertadamente considerava como a essência da História.

É certo que os Estados Unidos partilharam, com as outras nações americanas, uma das grandes experiências dos tempos modernos, a qual, no entender do autor, centralizou-se em torno da busca de uma melhor sociedade humana, que seria também uma sociedade de seres humanos melhores, vivendo numa ordem política e social baseada na liberdade e dedicada ao bem-estar dos governados. Se, muitas vezes, o resultado dessa experiência teve o seu sentido desvirtuado, convém não esquecer que os criadores da nação não devem ser por isso responsabilizados. Assim o entenderam certos autores que procuraram descobrir a significação central da experiência histórica nacional, desde Hartt até Turner e, mais recentemente, até Saunderson. O primeiro, traçando os ideais nacionais na sua origem histórica, o segundo, esboçando o espírito de fronteira na história norte-americana e o terceiro, descobrindo e revalorizando os princípios puritanos postos em paralelo com os **American Ideals**, todos os três compreenderam aquele sentido de experiência que o autor do presente ensaio retoma para a excelente síntese que traçou da história de seu país.

Para tornar mais claro este sentido da história americana, exemplificado na História dos Estados Unidos, o A. considera as seguintes experiências: 1) a descoberta e colonização da terra; 2) a Revolução Americana; 3) a realização de uma constituição política; 4) o movimento para o Oeste; 5) a Guerra Civil; 6) a industrialização e urbanização; 7) o crescimento do pluralismo religioso; 8) a evolução da política externa; 9) o americanismo na cultura; 10) o desenvolvimento dos partidos políticos; 11) a experiência de um mundo em revolução.

Sem descer aos pormenores, que o espírito de síntese e o caráter de divulgação não permitiriam mesmo, o A. traça verdadeira linha mestra da evolução histórica de seu país, balisando todos os fatos, que, dentro de sua concepção "experimental" da História, lhe pareceram mais dignos de menção. Qualquer leitor, por certo, notará logo a ausência de tantos outros aspectos ou episódios, ausência que poderá à primeira vista tirar o caráter concreto que uma obra histórica deverá necessariamente ter, para não dar a impressão de que

tudo se construiu no ar. Aqui está, talvez, o ponto mais valioso dêste pequeno livro. Não fazendo história episódica ou “fatal” (como está em moda dizer-se) o A. não deixa o livro no ar. Qualquer episódio da História dos Estados Unidos, o leitor com algum conhecimento, mediano que seja, será capaz de derivar do grande “espinhaço” que lhe é apresentado. E é muito importante, em História, sabemos nós todos pela experiência, que o estudante (para quem o livro é destinado) descubra nessa linha mestra os pontos donde as derivações devem ser tiradas.

É bem verdade que algumas das experiências lembradas por Davis prestam-se mais do que outras, para a sua história com base no processo e na experiência: a revolução americana, o movimento para o Oeste, a industrialização e a urbanização, etc.. Outros são mais ingratos, exigindo talvez um tratamento mais político ou sociológico, além de seus aspectos intrinsecamente históricos: a guerra civil, o problema religioso, o americanismo na cultura e especialmente a evolução da política externa. É importante que o leitor não tenha, de maneira tão chocante, a sensação de quase um contrassenso ou paradoxo entre o espírito de comunidade tão acentuado que presidiu à formação das antigas colônias e a evolução que tomou nos últimos anos do século passado ou mais exatamente depois da primeira guerra mundial, a política externa dos Estados Unidos. Como situar-se o observador ou o estudioso da História entre o isolacionismo monroista e os planos Marshall e Truman, as “alianças para o progresso” ou coisas como tais, que marcam uma orientação rígida e às vészes intransigente que, em princípio serve muito pouco ao espírito paternalista com que certas atitudes são acobertadas? “Dilema da democracia”, como diria Carl Becker, ou simplesmente “estratégia” como quer o sr. Rostow, o antigo assessor do saudoso Kennedy para os atos de sua política externa?

Não importa. Tirante certos pontos ingratos — e que não são muitos — o pequeno livro de Harold Eugene Davis, que muito há de servir aos estudantes da História Americana, afigura-se-nos não só excelente síntese da História dos Estados Unidos, mas um exemplo de como a história como processo e como experiência pode conduzir a resultados plenamente satisfatórios. As palavras com que inicia e termina suas “Observações finais” (capítulo XII) podem servir de fêcho a êstes modestos comentários: “Como as outras nações da América, os Estados Unidos ainda buscam o sentido e a direção básicos de sua história no movimento revolucionário pela independência, lançado em 1776. Nenhum país pode fugir à sua história, e assim a história dos Estados Unidos os ligou irrevogavelmente aos movimentos revolucionários que correram o mundo desde aquela data, emancipando povos, liberando-lhes as idéias e a capacidade produtiva. Vistos sob essa perspectiva histórica, os movimentos dos séculos XIX e XX são conseqüências, manifestações especiais da revolução inicial que sacudiu dois continentes em fins do século XVIII e princípios do XIX”. E concluindo: “O povo dos Estados Unidos, apesar das manifestações ocasionais de nacionalismo excessivo, tende a ver sua histó-

ria humildemente, como cabe a uma nação de descendentes de imigrantes. O espírito de Abraham Lincoln leva-o a indagar, nas palavras de um do seus poemas favoritos, “Por que deve o espírito do homem ser orgulhoso?”. O puritanismo que lhes foi legado leva-os, com profundo senso de culpa, a implorar piedade para com as “jactâncias fanáticas e a palavra tola”, no dizer de Rudyard Kipling, insistindo ao mesmo tempo, segundo as palavras de um hino metodista popular, em que “temos uma história para contar às nações... uma história de paz e luz”. Num sentido mais profundamente existencialista, o espírito nacional fala nas palavras da Cantata de Sidney Lanier, da qual dois versos servem de epígrafe a êste livro:

“Apesar da terra, apesar do mar / eu ful, eu sou e eu serei”.

### MARIA LÚCIA DE SOUZA RANGEL

\*

\* \*

PEREIRA (Luiz). — **Trabalho e Desenvolvimento no Brasil**. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 302 págs.

Editado recentemente, o livro do prof. Luiz Pereira é um ponto de referência para a compreensão do Brasil presente, com tôdas as suas transformações estruturais devidas à “realização singular de determinações genéricas da formação econômico-social capitalista em nossa sociedade” (pág. 8). Chega êle, a partir daí, às “conexões do processo de qualificação do trabalho com essas modificações estruturais” (pág. 9). Qualificação do trabalho aqui entendida como processo de constituição do trabalhador dentro dos moldes das relações de produção, sendo a qualificação técnica do trabalho “parte” dêsse processo.

O Autor não isola o Brasil do mundo capitalista. Ao contrário, encara-o como uma totalidade concreta parcial, como “subsistema de um sistema inclusivo” (pág. 12). Visa a qualificação do trabalho na sociedade brasileira contemporânea, com referência à eunomia do sistema, e ressalta a importância de se levar em conta as transformações do sistema capitalista internacional, “o que se fará pela retenção da mediação consistente nas alterações estruturais da sociedade brasileira” (pág. 14). Cada subsistema é um centro de decisão, com seu mecanismo particular para a superação ou suavização de seus focos disnômicos que continuamente se processam em seu interior. O desenvolvimento do sistema capitalista internacional é mediado pelos mecanismos dêsse vários “centros de decisão”. Daí pode o Autor chegar à noção de subdesenvolvimento como um “estado disnômico inerente ao moderno sistema capitalista internacional” que, como tal, “consiste num problema social para êste, tanto quanto para os subsistemas periféricos” (pág. 15). Sua superação é devida a pressões que atuam tanto no campo internacional como no nacional, e significa a sobrevivência do próprio sistema capitalista. Assim,